

RESENHA

RESENHA: TRABALHO VIVO – TOMO I: SEXUALIDADE TRABALHO, DE CHRISTOPHE DEJOURS

Review: Living Work - Volume I: Sexuality and work, by Christophe Dejours

Reseña: Trabajo Vivo - Tomo I: Sexualidad y trabajo, por Christophe Dejours

Commentaire: Travail vivant – 1: Sexualité et travail, Christophe Dejours

PERISSÉ, Nilson

Mestre em Sistemas de Gestão pela Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense - UFF. Possui graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário da Cidade e especialização em Gestão de Ouvidoria pela Universidade Cândido Mendes. Sua formação psicanalítica, permanente, se dá a partir de 2000, na linha freudiana e, desde 2013, na linha lacaniana, pela Escola Brasileira de Psicanálise - EBP. Atua na Petrobras há 30 anos em processos de gestão de pessoas, abrangendo áreas como Ouvidoria, Recursos Humanos, Saúde Ocupacional e Comunicação Empresarial. Atua como instrutor no curso de Psicodinâmica do Trabalho e ministra a disciplina Violência no Trabalho no curso de Direitos Humanos, ambos na Universidade Corporativa da Petrobras. Foi gerente de Desenvolvimento de Pessoas e atualmente é coordenador de tratamento de denúncias de violência no trabalho da Ouvidoria-Geral da Petrobras. Suas áreas de interesse são Psicanálise, Trabalho, Cultura.

INTRODUÇÃO

Publicado originalmente na França em 2009 pela editora francesa Payot, “Sexualidade e Trabalho” compõe a primeira parte da coleção em dois tomos “Trabalho Livre”, cujo segundo volume tem por subtítulo “Trabalho e Emancipação”. Os dois tomos foram lançados simultaneamente e chegaram ao Brasil com quase quatro anos de atraso (a edição brasileira foi publicada sem alarde em outubro de 2012 pela Paralelo 15).

No II Congresso Brasileiro de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, realizado em Brasília em 2011, algumas abordagens dessa obra foram objeto de discussão por Eric Hamraoui, filósofo do CNAM (Paris), que, em sua palestra “Trabalho vivo, subjetivação e cooperação”, deu notícias das articulações dejourianas entre trabalho e sexualidade, corpo erógeno e psicodinâmica do trabalho. A publicação de “Sexualidade e Trabalho” deixa mais claro o que, no Congresso, ainda

soava como uma novidade cuja extensão ainda não era tão fácil de captar.

“Sexualidade e Trabalho” é um texto complexo, no qual o rigor técnico de Dejours leva-o a buscar conexões que ajudem a demonstrar a operação corporal e psíquica que se desencadeia quando se trabalha, envolvendo um processo de duas vias no qual tanto o ato de trabalhar desenvolve o sujeito quanto a inteligência do corpo viabiliza o trabalho. Até aí nenhuma novidade quanto a alguns artigos ou livros já publicados pelo autor na linha da psicodinâmica. O que torna esta obra um diferencial é a forte articulação que Dejours faz com suas investigações em psicanálise e psicossomática, proporcionando maior ênfase aos estudos sobre o corpo – mais particularmente o corpo erógeno - e ao tanto que a sexualidade está implicada com as questões do trabalho. Além disso, a teoria de sujeito baseado na psicanálise nunca foi tão explorada quanto aqui, trazendo amplas incursões sobre os impactos do inconsciente

nas relações no trabalho e na sociedade em sentido mais amplo. Escreve Dejours (2012): “Propus-me ao exame do que implicaria, para uma filosofia política, reunir a centralidade da sexualidade demonstrada pela psicanálise e a centralidade do trabalho proposta pela psicodinâmica do trabalho” (p. 24). “Sexualidade e Trabalho” é, portanto, um ensaio de articulação entre os campos de pesquisa nos quais milita o autor¹.

Utopia em Dejours.

Embora possa ser lido como um texto com vida própria, é útil situar este Tomo I no conjunto dos dois volumes e, nesse sentido, a Introdução escrita por Dejours (2012, p. 21 a 35) é essencial. Ali ele lembra que em uma de suas obras anteriores (“A Banalização da Injustiça Social”, produzida em 1998 e traduzida para o português em 1999) havia defendido que o processo de dominação vigente na ordem social da atualidade foi testado experimentalmente no mundo do trabalho. A lógica de gestão das empresas, aos poucos, contribuiu para transformar as relações sociais dentro e fora delas, levando à desagregação da civilidade, ao esgotamento da solidariedade, à exacerbação da concorrência em todos os

domínios da vida e à derrocada da ação coletiva. Nessa perspectiva, Dejours propõe-se, em contrapartida, a refazer o caminho de volta utilizando-se da mesma estratégia, “partindo da subjetividade e do trabalho rumo à política”. No seu entendimento, se a ordem que está posta é fruto, em grande parte, de uma perspectiva reducionista do trabalho, da dissolução do espaço público e do incremento das preocupações individualistas com o ganho e o sucesso privado, é necessário trazer o trabalho para a discussão, refletir sobre em que condições ele pode tornar-se capaz de reunir novamente os seres humanos e reestruturar os espaços coletivos de discussão. “Ao trabalho caberia um papel determinante na elaboração das relações de civilidade graças às quais os indivíduos conseguem viver e agir juntos”, arrisca ele (p. 26)². E se pergunta: “Se, de fato, o trabalho ocupa um lugar de destaque na construção da identidade e das relações sociais, em que condições uma nova forma de pensar o trabalho pode oferecer instrumentos para fazer frente à crise da política e sustentar uma luta coerente contra a decadência da polis?” (p. 27).

Se durante muito tempo as pesquisas buscaram compreender os elementos propulsores da dominação e da servidão, é necessário, agora, lançar o desafio de

¹ “Há muitos anos estou fazendo pesquisas em duas áreas situadas nas fronteiras da psicanálise: a psicodinâmica e a psicopatologia do trabalho, nos limites com as ciências sociais; e a psicossomática, nos limites com as ciências biológicas”, disse Dejours em 2001, numa entrevista a Marta Rezende Cardoso, professora da UFRJ. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n2/v4n2a07.pdf> .

² A questão da convivialidade no trabalho como laboratório para a democracia e relações civilizadas é uma preocupação recorrente de Dejours. Em entrevista com Marta Rezende Cardoso, professora da UFRJ, nos idos de 2001, ele já falava: “o trabalho é oportunidade insubstituível de aprender o respeito pelo outro, a confiança, a convivência, a

solidariedade, e de aprender a trazer uma contribuição para a construção de regras de trabalho, que não se limitam absolutamente a regras técnicas, mas são ao mesmo tempo regras sociais. O trabalho pode ser uma situação propícia ao exercício da democracia. Mas nesse terreno, também não há neutralidade do trabalho. Se na empresa não se aprende a democracia, aprender-se-ão os costumes mais destrutivos para o funcionamento da sociedade, o individualismo, os comportamentos desleais, as pequenas e grandes traições, a arte de infligir sofrimento e injustiça ao outro”. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n2/v4n2a07.pdf> .

pesquisar sobre os propulsores psicológicos da vontade de agir politicamente e da emancipação. É para essa direção que Dejours aponta a Psicodinâmica do Trabalho, especialmente com as discussões do “Trabalho Vivo”. A obra, em seus dois tomos, pretende, portanto, “observar o estado da arte dos conhecimentos clínicos e teóricos hoje disponíveis... (...) Uma política que não teria tão só a ambição de prevenir as doenças mentais do trabalho, mas que retomaria o domínio sobre a organização do trabalho para dela obter a potencialidade de recursos na construção da saúde e na realização de si mesmo, de um lado, e na aprendizagem do viver junto e da recomposição das ligações de solidariedade, de outro” (Tomo II, p. 14).

Para materializar essa proposta, o autor divide a obra em dois grandes objetivos: 1) No Tomo I, busca compreender o lugar ocupado pela sexualidade e pelo trabalho na condição humana ordinária, a partir do confronto entre as ciências do trabalho (entre as quais ele destaca a ergonomia) e a psicanálise; 2) No Tomo II, propõe-se a examinar a dimensão política do trabalho vivo. A presente resenha debruça-se sobre as discussões estabelecidas no Tomo I.

Contribuições da psicanálise e da psicossomática.

Boa parte dos desenvolvimentos apresentados em “Sexualidade e Trabalho” pode ser localizada na obra “Repressão e subversão em psicossomática: pesquisas psicanalíticas sobre o corpo”, publicada pela Jorge Zahar em 1991, do original francês de 1989. Esse livro não é exatamente um pré-requisito para a leitura deste Tomo I, mas traz noções importantes

para as quais Dejours retorna e, ao mesmo tempo, posiciona os escritos de 2009 como um desdobramento das preocupações que o autor já manifestava vinte anos antes. É nessa obra, por exemplo, que ele debaterá a *subversão libidinal*, processo que descreve a formação do corpo erógeno (traduzido na edição brasileira de “Trabalho Vivo” como corpo erótico na maior parte do tempo e que, como tal, será citado nesta resenha).

Na perspectiva dejouriana, vivemos simultaneamente através de dois corpos: o primeiro é o corpo biológico, ou somático - o corpo das funções orgânicas, das regulações biológicas e dos instintos, que pode ser tratado com antibióticos e estudado pela Biologia. Desse corpo, que é produto da natureza, é gradualmente constituído um outro corpo, o corpo erótico, que é o corpo subjetivo, através do qual experimentamos a vida e fenômenos subjetivos como o sofrimento, o prazer, a excitação e o desejo. No processo de formação desse corpo a subversão libidinal ocupa um papel de destaque.

Dejours entende que a formação do corpo erótico tem início a partir dos primeiros contatos dos pais com o corpo da criança, visando o atendimento às suas necessidades básicas. Nessa fase, são eles os responsáveis por responder aos principais enigmas que absorvem o infante, questões como o suprimento da fome, da sede, da necessidade de calor, higiene, etc. Esse provimento ao que é necessário para a manutenção do corpo biológico, entretanto, atua como força motriz para o desenvolvimento do que está além da necessidade vital e que envolve a libido. Pouco a pouco, a criança identifica que a boca serve não apenas à nutrição, mas para sugar, morder e beijar, o que proporciona, para-além da necessidade, um prazer

sensorial no qual “a boca – zona erógena – serve de ponto de saída para a sexualidade oral” (p. 90). Reflete Dejours (2012): “A criança afirma que utiliza a boca não apenas para se alimentar, mas às vezes também para a satisfação de seu prazer. Ela descobre ao mesmo tempo que não é escrava de seus instintos e de suas necessidades, que não está reduzida a um simples organismo animal, mas que ela procura tornar-se o sujeito de seu desejo” (p. 107). Ela identifica a possibilidade de interagir com os pais num jogo mais elaborado da ordem do desejo, produzindo demandas que veiculam objetivos eróticos (no sentido de busca de prazer e satisfação de desejo). Isso a liberta parcialmente de suas funções fisiológicas, instintos e comportamentos automáticos e produz um algo além do corpo biológico: um corpo erótico. A essa virada Dejours chamou de subversão libidinal, pois envolve um processo de subversão das funções corporais pela via da pulsão³ e resulta de um algo a mais das necessidades do corpo que inicialmente os pais desejavam suprir através de cuidados puramente corporais. A criança, dessa forma, passa a reconhecer seu corpo como algo que não apenas apresenta necessidades fisiológicas, mas que também pode ser fonte de prazer.

Dejours dirá que as características do corpo erótico dependerão diretamente das possibilidades apresentadas nessa subversão, o que envolve não apenas a qualidade das interações paternas e a expressão dos seus cuidados, como também o amadurecimento contínuo da criança e o desenvolvimento harmônico do seu corpo

biológico. Não se trata de uma interação simples e, para cada criança, haverá particularidades. Dejours observa que o contato do adulto com a criança desperta nele sentimentos e afetos, remete-o às suas experiências do passado, produz a mobilização de seus fantasmas, de sua sexualidade, de sua história, de sua neurose infantil e do seu inconsciente. Essas questões irão se fazer presentes na maneira como pais e mães lidarão com o corpo da criança e suas funções – o que responderá diretamente na geração (ou falta de) subversões libidinais em determinadas funções corporais. As funções que não passarem pela subversão permanecerão restritas exclusivamente ao funcionamento fisiológico, levando a um empobrecimento da economia erótica. Esse empobrecimento pode se manifestar através de fenômenos mais simples, como a falta de sensibilidade para apreciar afetivamente o perfume de uma flor, até questões mais graves como uma psicopatia que se mostra indiferente à dor de outro ser humano. “Ali onde o corpo é impotente, devido aos impasses encontrados pela subversão libidinal, o sujeito nada experimenta : a experiência pungente da subjetividade que se subtrai a si mesma e deixa em seu lugar a paralisia e, sobretudo, a frigidez, forma cardeal do esvaziamento da afetividade e da própria vida em si” (p. 126).

Para Dejours, quando o processo de subversão libidinal torna-se inconsistente, contribui para uma maior vulnerabilidade ao adoecer psicossomático. Nessa linha de raciocínio, a doença psicossomática seria um fenômeno que se manifestaria em

³ O conceito de pulsão, em Dejours, acompanha a definição freudiana: “um conceito-limite entre anímico e somático, como representante psíquico dos estímulos provenientes do interior do corpo e alcançando a alma, como uma medida de exigência

de trabalho imposta ao anímico em consequência de sua correlação com o corporal” (conforme extraído do artigo freudiano de 1915, “A pulsão e os destinos das pulsões”).

consequência de uma determinada área do corpo não ter sua função afetada pela subversão libidinal. E mais: no âmbito do trabalho, o efeito de um corpo erótico empobrecido também se faz notar nas limitações do empregado: as “atrofias do corpo erógeno (...) tornam-se deficiências em relação à sua habilidade técnica, de maneira que alguns sujeitos que saíram feridos de sua infância permanecem indefinidamente grandes desajeitados, desastrados ou mesmo brutos entre as mãos dos quais tudo, de maneira inexorável, é destruído” (p. 180).

Vinte anos depois das reflexões propostas na obra de 1989, *Dejours*, em “Sexualidade e Trabalho”, proporá um novo termo. Num mais-além da subversão libidinal, falará da **subversão poiética**. Aqui, o autor faz um jogo de palavras com a palavra grega *Poiesis* (produção, trabalho). Para ele, “o trabalho não pode ser apreendido apenas pelas categorias clássicas de produção (poiesis); ele implica também categorias teóricas da ação (práxis), onde todos os elos intermediários (visibilidade, confiança, julgamento, reconhecimento, arbitragem, discussão, racionalidade comunicativa) são as categorias extraídas da ‘teoria da ação’”⁴. A subversão poiética proposta por ele numa clara analogia com a subversão libidinal sugere que, se esta última promove a criação do corpo erótico a partir do corpo biológico, a poiética seria capaz de levar o trabalho ao status de práxis tendo por ponto de partida a forma reducionista como ainda é visto (como poiesis). Essa discussão é central em *Dejours*. Para ele, “não pode haver poiesis sem que haja Arbeit (trabalho psíquico). (...) O conjunto do processo que,

partindo da poiesis alcança o Arbeit, é esse processo mesmo que é designado pelo termo de trabalho vivo” (p. 200 e 201).

Para dar substância a esse projeto, *Dejours* procura, como de hábito, mostrar a complexidade do trabalhar, que mobiliza o corpo, o inconsciente, as relações fora e dentro do trabalho, os horários dentro e fora do expediente. Nesta obra, mais particularmente, ele ancora-se na discussão da sexualidade, considerando que “o corpo revela-se como passagem obrigatória de uma teoria do trabalho” (p. 34). Logo, corpo, sexualidade, trabalho são eixos chave para os instigantes desenvolvimentos desse Tomo I.

Inteligência prática.

Para o autor, o trabalho articula-se com o corpo erótico na medida em que o desenvolvimento deste não termina nas primeiras experiências em família. A vida oferecerá inúmeras outras possibilidades de desenvolvimento – a experiência do trabalho sendo uma delas. “O trabalho (...) pode contribuir (...) à expansão do repertório erótico do corpo”, dirá ele (p. 113). E irá além, compreendendo inclusive que trabalhar pode agir na superação de experiências infantis limitadas ou mal sucedidas (“a relação com o trabalho pode ser uma segunda oportunidade para superar os limites impostos pelo desenvolvimento do corpo erógeno pelas inaptidões funestas do adulto ao brincar com os corpos da criança” p. 180). De que forma o trabalho estaria credenciado para dar essas contribuições? Uma pista pode ser encontrada no tema escolhido para figurar

⁴ DEJOURS, C. *O Fator Humano*. Rio de Janeiro: FGV, 1997, pág. 61.

no primeiro capítulo do Tomo I: a inteligência no trabalho.

Amparado na perspectiva do psicanalista Jean Laplanche⁵, Dejours entende que o sujeito não tem acesso direto ao mundo exterior, o que significa que toda realidade é apenas realidade psíquica, ou seja, realidade conforme percebida pelo sujeito. Todo conhecimento que se adquire sobre a natureza é concebido através de uma operação que poderia ser chamada de “corporeização”⁶ do mundo, caracterizada por uma “apalpação” (p. 44), operação essa responsável pela apreensão gradativa do ambiente em que se encontra o sujeito. A corporeização implica numa exposição à experiência do mundo e ao consequente desenvolvimento de habilidades – ou, mais propriamente, de uma inteligência – para dar conta dos desafios que fazem parte dessa experiência.

Os fracassos dessa empreitada não são poucos. O contato com o real será sempre prenhe de armadilhas, na medida em que a natureza e a vida como um todo não se comportam, necessariamente, de acordo com o que o sujeito espera, prevê ou planeja. O conjunto de imprevistos, panes, surpresas, são vividos como “experiência desagradável, dolorosa, ou como sentimento de impotência ou angústia, até mesmo de irritação, raiva ou decepção, de

desânimo” (p. 39). Ao mesmo tempo, são impulsores que levam o sujeito a “continuar indefinidamente a buscar, a recomençar, e sobretudo, a encontrar uma solução. É imperativo descobrir as origens do problema, às vezes inventar uma solução possível” (p. 40).

O mesmo acontece no cotidiano do trabalho, onde “as habilidades profissionais modelam-se a partir do esforço para a superação dos obstáculos que o mundo confronta à habilidade técnica” (p. 37). Aqui Dejours ampara-se na discussão da ergonomia francesa que apregoa que o trabalho, embora esteja sujeito a procedimentos, manuais, ao conhecimento e à experiência humanos acumulados ao longo de décadas, faz parte do real que é sempre enigma e surpresa. Dia a dia, o sujeito no trabalho se depara com esse real, em situações que fogem ao previsto e apresentam tantas variações que seria impossível serem açambarcadas numa prescrição. “O real é o que se deixa conhecer por quem trabalha por sua resistência ao saber-fazer, aos procedimentos, às prescrições, aquilo que se revela, geralmente, como forma de resistência à habilidade técnica, ao conhecimento. (...) Quando todo o meu saber se choca contra a resistência do mundo, estou no real” (p. 39).

⁵ Laplanche tem uma importante história no movimento psicanalítico, marcada por uma teoria que lida tanto com Freud como com Lacan: ele é autor do até hoje célebre “Vocabulário de Psicanálise” em parceria com Jean Bertrand Pontalis, teve Jacques Lacan como um de seus primeiros analistas, participou intensamente do movimento psicanalítico francês e é reconhecido, entre outras linhas de pesquisa, por seu retorno a Freud no que diz respeito à abandonada (por Freud) teoria da sedução, que, na visão de Dejours, contribui para remanejar a teoria psicanalítica sobre seu

fundamento: na sexualidade. Dejours iniciou uma produtiva parceria com Laplanche na década de 1990 e, desde então, pôde aprofundar alguns desdobramentos freudianos propostos por Laplanche. Em 2008, foi criada a *Fundação Jean Laplanche – Novos Fundamentos para a Psicanálise*, na qual Dejours atuou como presidente do Conselho Científico. Laplanche faleceu em 2012. ⁶ Trata-se de um neologismo criado, na linha da fenomenologia, pelo filósofo Michel Henry, formado pela fusão das palavras “corpo” e “apropriação”. Henry será bastante citado nas discussões de Dejours em “Sexualidade e Trabalho”.

Para Dejours, procurar uma resposta para o que não está prescrito no manual de operações implica no desenvolvimento de uma inteligência - inventiva, calcada na prática, ao mesmo tempo criativa e astuciosa, que sugere improvisos, soluções e possibilidades não exploradas. Essa operação é viabilizada através da mobilização do corpo erótico, aquele mesmo que “experimenta afetivamente a vida” (p. 100). “Esta inteligência situa-se efetivamente nas vísceras e não no cérebro. É uma inteligência do corpo, não é uma inteligência cerebral⁷” (p. 43). Daí Dejours afirmar que “a inteligência no trabalho é principalmente e antes de tudo uma inteligência do corpo” (p. 199).

Ele fala de um sofisticado processo implicado num contato contínuo e prolongado do sujeito com o trabalho, uma obstinação diante dos fracassos e uma maturação que envolve até uma dinâmica fora do trabalho. Quando o real do trabalho leva ao fracasso do trabalhador no desempenho de sua tarefa, esse fracasso transforma-se em enigma e em fonte de excitação⁸. “As dificuldades que encontramos em nosso trabalho, nós as carregamos para fora do ambiente profissional. Ficamos irritadiços, descontentes, cansados e descontamos os reveses em nossos familiares” (p. 50). A irritação e frustração fazem com que o sujeito muitas vezes tenha insônia e, quando dorme, sonhe ou tenha pesadelos sobre o trabalho. “Pois bem, isso também é parte integrante do trabalho”, diz ele (p. 50). É

exatamente por conta desse engajamento da subjetividade “que podem advir novos registros de sensibilidade que não estavam presentes no Eu antes da experiência do real e da perseverança no esforço frente à resistência do real e ao sofrimento decorrente” (p. 84).

Por tudo isso, da mesma forma que as primitivas experiências familiares possibilitaram o desenvolvimento do corpo erótico, o contato com a experiência do trabalho pode proporcionar experiências inéditas e de grande potencial para o desenvolvimento. Pensa Dejours: “o ‘trabalhar’ constitui uma segunda oportunidade depois da infância, para ampliar os poderes do corpo de experimentar a si próprio de gozar de si” (p. 200). “Ao ter acesso, graças ao corpo subjetivo, à familiaridade e à intimidade com a matéria ou a ferramenta, aquele que trabalha adquire não apenas novas habilidades mas ainda descobre em si novos registros de sensibilidade. Pela experiência do trabalho, ele aprende a conhecer seus próprios limites, suas imperícias, mas ele estende também em si o repertório de suas impressões afetivas e descobre novas qualidades de virtuosismo que acaba por apreciar, da mesma forma como gosta de si mesmo” (p. 179). Amparado nessas reflexões, Dejours repete um pensamento já apresentado em outros textos: “trabalhar não é apenas produzir, é ainda transformar-se a si próprio” (p. 72).

Por uma metapsicologia do corpo

para que se encontre um caminho particular para procurar, ou mesmo obter, o prazer” (p. 93). Na presente discussão, Dejours coloca o real como o elemento que desperta um enigma, e será esse enigma o motor que irá gerar uma ação, via de regra responsável pela ampliação da inteligência prática e do desenvolvimento do sujeito como um todo.

⁷ Entendendo o cérebro, aqui, como integrante do corpo biológico, não do corpo erótico.

⁸ É possível identificar nessa discussão uma analogia com a ideia de pulsão, na medida em que esta sempre supõe a mobilização de uma ação. “A pulsão, por sua meta, sempre define uma ação, e realiza a mediação

Para Dejours, a clínica da inteligência no trabalho sugeriria, então, “a exploração teórica de uma metapsicologia do corpo” (p. 199). A empreitada é árdua, na medida em que, conforme o próprio autor admite, “Freud é reticente à idéia de uma teoria do corpo” (p. 58), o que o leva a afirmar que “não há uma metapsicologia do corpo elaborada por Freud” (p. 75). Para o criador da psicanálise, há apenas o corpo biológico que, como tal, seria da esfera da Biologia, não da teoria psicanalítica. Apesar disso, Dejours sugere ser possível compreender a questão do corpo subjetivo como uma discussão, no mínimo, recalcada e, como tudo o que é recalcado, encontra caminhos para se manifestar. Como estudioso e teórico de psicanálise e psicossomática, ele não é alheio aos momentos da saga freudiana nos quais esse enigma se fez presente, como a clínica das histéricas - cujas manifestações corporais já sinalizavam a importância de se pensar num estatuto do corpo via psicanálise -, na descoberta da sexualidade infantil - que tem início na criança bem antes que os órgãos biológicos de reprodução tenham alcançado a maturidade -, além dos possíveis desdobramentos de conceitos freudianos como o auto-erotismo e as zonas erógenas. Dejours lembra também que, em 1927, na versão inglesa de “O Eu e o ID”, Freud falará num Eu que “é antes de tudo um Eu corporal, que deriva de sensações corporais, principalmente aquelas que surgem na superfície de corpo”. Desta passagem poderia ser inferido que, para Freud, o Eu seria mais uma subjetivação da citada superfície corporal do que o aparelho mental do corpo. Esse Eu corporal de Freud viria, inclusive, a encontrar paralelos em outros teóricos posteriores, como Françoise Dolto (com suas reflexões acerca da

imagem do corpo) e Didier Anzieu (e seu conceito sobre o Eu-pele).

Dejours vai além da psicanálise e busca sustentação teórica em discussões do filósofo francês Maine de Biran (1766-1824), cujos escritos ficaram na obscuridade por muitos anos até serem resgatados pelo também filósofo Michel Henry, a cujos aportes Dejours também se debruça. Interessa a ele, em relação a Biran, ressaltar a articulação entre o esforço e a constituição do Eu, chegando a falar num “Eu-esforço”, “pois é pelo esforço (...) que a inteligência do corpo sobrevém” (p. 199 e 200). As reflexões de Biran serão valiosas não apenas para pensar no segundo corpo que se cria a partir do contato com o mundo externo, como também para fortalecer a argumentação de Dejours sobre o esforço necessário para o progresso em todos os sentidos - em primeira instância, do próprio amadurecimento do sujeito; em segunda, da possibilidade de avanços na transformação da realidade que está posta.

Biran, Henry e a percepção imediata.

Dejours destaca a reflexão birania na referente à relação do homem com um mundo que lhe é exterior e que se apresenta prenhe de obstáculos - como se a realidade externa resistisse e fosse indiferente às necessidades do ser que, desde os primeiros dias da infância, vê-se obrigado a lidar com essa resistência e a empreender esforços para superá-la. Além da resistência do mundo, há ainda a resistência orgânica - a resistência do músculo -, cuja inércia se opõe ao movimento do corpo e que faz com que todo movimento voluntário depare-se com uma resistência física, exigindo-lhe a realização de um esforço. As duas situações - tanto a resistência externa, do mundo, quanto a resistência orgânica, de um corpo

que se movimenta e age apenas sob o comando e o exercício de força de uma vontade – revelam a atuação de uma intencionalidade e propiciam a percepção de uma força que deseja, na qual Dejours identifica a origem egoica do querer pelo sujeito. É daí – desse esforço que leva o sujeito a se descobrir a si mesmo - que o corpo se revela para si e torna-se presente para si próprio. O esforço, portanto, “é a forma pela qual a ‘apercepção imediata’ de si próprio torna-se possível. A apercepção é um ‘sentir-se a si próprio’ pelo qual o Eu advém” (p. 78). Essa ênfase que Dejours procura dar ao esforço e ao querer não é gratuita, pois serão estes os motores determinantes para a luta pela emancipação, pelo combate à preguiça mental e à covardia ordinária que, a seu ver, favorecem à dominação, sustentam a banalização do mal e comprometem o trabalho vivo.

O inconsciente e suas vicissitudes.

Grande parte do Tomo I objetiva gerar reflexões sobre os porquês da dominação e da alienação, como base para as propostas de transformação que comparecem no Tomo II. Assim, o autor chama a atenção para o fato de que não são apenas as resistências do mundo ou a resistência orgânica que apresentam percalços para a liberdade e a autonomia. “O inconsciente e as pulsões sexuais exercem pressões de grande constrangimento sobre o Eu” (p. 201). Não há como pensar nos propulsores psicológicos da vontade em prol da autonomia e de uma ação política sem considerar os mecanismos inconscientes que podem atuar como forças limitantes.

Nesse sentido, “Sexualidade e trabalho” é também uma boa oportunidade para o autor explorar as questões do inconsciente e do sexual.

Dejours observa que considerar a dimensão sexual implica em pensar em determinadas forças que não estão sob o domínio do Eu e que levam à “descoberta subjetiva do estrangeiro dentro de si” (p. 116). O homem não é senhor de sua própria morada, já alertava Freud, e Dejours observa o quanto o inconsciente pode perturbar, desafiar, desfazer e desunir. Indomável, “só se deixa conhecer de forma oblíqua, o que a teoria reúne sob o nome de ‘retorno do recaiado’” (p. 114), e pode representar uma ameaça potencial para a coesão do Eu. Aqui, Dejours parece marcar uma posição mais próxima dos desenvolvimentos pós-freudianos – que enfatizaram a importância do fortalecimento do Eu -, posição contrária à linha lacaniana que privilegia o inconsciente como fonte de singularidade do sujeito e, por outro lado, vê no Eu um mero conglomerado de identificações com figuras externas e o resultado de compromissos com a adaptação e com o atendimento ao desejo do outro.

No que se refere ao inconsciente, a atenção de Dejours está voltada para outra direção – a dos riscos que representam o “Sexual”⁹, intrinsecamente descompromissado com a preservação do Eu, além de ser “fundamentalmente associal, ou mesmo antissocial. Sua força, que não é outra que a força do inconsciente, enfraquece o Eu. Há no constrangimento exercido pela pulsão algo que se opõe à liberdade e à autonomia do Eu” (p. 201). Assim, ao identificar o caráter transgressor

⁹ Para Dejours, “o termo sexual qualifica toda a atividade exercida ou sofrida no sentido de

intensificar no corpo os efeitos sensuais da excitação” (p. 136).

do inconsciente, que tem sido explorado por autores da chamada esquerda lacaniana¹⁰ como um dos pontos de partida para a retomada de uma perspectiva revolucionária em relação à realidade política vigente, Dejours prefere dar atenção para os efeitos de um inconsciente sexual que pode provocar um jogo com vistas ao gozo levado ao extremo, revelar forças até então desconhecidas e gerar danos imprevisíveis.

Dejours mostra-se consciente dos extremos dessa discussão. Ele cita a tradicional frase freudiana do “wo Es war, soll Ich werden”, que tem servido como linha divisória entre as elaborações dos autores pós-freudianos e dos lacanianos. Os primeiros traduziram o texto original da língua alemã para a língua inglesa – e desta para outras línguas – como “onde havia Id, o eu deve advir”, propondo uma colonização na qual o Eu substituiria, gradativamente o Id, com a suspensão do recalcado através da cura. Lacan, por sua vez, denunciou o que considerou ser um erro da tradução, apresentando uma versão alternativa: “Lá, onde isso (Id) estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir”). Para o psicanalista francês, falar de sujeito (o da singularidade que deve advir) é diferente de fortalecer o Eu, para ele fonte de identificações e alienação.

Dejours não estressa a polêmica, embora a admita: “O exame dessa formulação freudiana, sabemos todos,

continua sendo objeto de grandes debates com interpretações e comentários divergentes” (p. 117). Por outro lado, apresenta uma visão contrária à idéia de uma substituição do Id pelo Eu, acreditando mais num aparelho psíquico constantemente intimado a reorganizar-se através da integração da experiência inconsciente, levando a uma transformação do Eu a partir da pressão ou da irrupção do Id. Ainda que admita a desestabilização produzida pelas pulsões e pelo gozo, entende que o Eu é convocado a um trabalho de reestruturação que leva à ampliação da subjetividade.

Com o foco voltado nos perigos apresentados pelo inconsciente, o autor ampara-se em Laplanche para falar de um inconsciente amencial, que conviveria ao lado do inconsciente recalcado, fruto de violências ou reações excessivas experimentadas pela criança por adultos e que, dada sua falta de recursos para traduzir as experiências na forma de um pensamento, sofre uma sobrecarga de excitação impossível de ser recalcada ou de se converter numa formação do inconsciente¹¹. Dejours fala de um inconsciente não recalcado, impossível de retornar à consciência sob a forma de um lapso, ato falho ou sintoma e que, ao invés disso, se manifestará através de passagens ao ato, descompensações. Os sentimentos de autodestruição, ódio contra o próprio corpo e de angústia associados seriam, para

¹⁰ Campo de intervenções políticas e teóricas a partir da psicanálise de Jacques Lacan. Sua principal característica é aplicar conceitos da psicanálise e da filosofia à crítica da ideologia liberal. Yannis Stavrakakis (2007) observa que a expressão “esquerda lacaniana” não está proposta como uma categorização restritiva ou exclusiva, mas como um campo distinto de intervenções teóricas e políticas que exploram a relevância do trabalho de Lacan para compreender os impasses contemporâneos.

Com perspectivas diferentes, vários autores da atualidade têm se utilizado dessa articulação: Merecem destaque Slavoj Žižek, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, além dos filósofos Cornelius Castoriadis (Grécia) e Judith Butler (Estados Unidos).

¹¹ Formações do inconsciente dão voz ao recalcado através de sonhos ou chistes, por exemplo.

Dejours, constituintes do conceito freudiano de pulsão de morte.

A idéia de pulsão de morte integra algumas formulações freudianas mais tardias. Aqui, Dejours põe em destaque duas configurações: 1) aquela em que a pulsão de morte se presentifica quando o sujeito, na busca de uma exaltação da sexualidade, busca um mais-além da excitação que ultrapassa perigosas fronteiras existentes para a preservação do corpo e acaba encontrando a morte; e 2) uma configuração na qual o sujeito, na busca de cessar uma angústia, um horror relacionado ao seu não ser, busca voluntariamente a morte; “no primeiro caso, é para gozar; no segundo para liberar-se” (p. 136).

Outra questão trazida por Dejours na discussão sobre o inconsciente resgata um conceito que, a seu ver, não foi devidamente valorizado na metapsicologia apesar de encontrar-se em elaborações freudianas iniciais: a coexcitação libidinal. Nos seus “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), Freud, ao estudar a sexualidade infantil, identificava a excitação sexual como efeito marginal de um conjunto de processos interiores, todos eles contribuindo com a transferência de uma parcela para a excitação da pulsão sexual. Mesmo a excitação decorrente da dor e do desprazer contribuiria nesse sentido, e edificaria, no psiquismo, o masoquismo erógeno.

Reflete Dejours que, na esteira da conversão do vetor da dor em prazer, a coexcitação libidinal parece ser uma fonte ilimitada para a crueldade, materializando-se em atos masoquistas ou assassinos (p. 144). O que impede que a maior parte das pessoas não chegue a atos extremos dessa natureza seriam: 1) as soluções de

compromisso mais ou menos precárias que se expressariam através de crises somáticas (infarto do miocárdio, hemorragia cerebral, crise epilética, por exemplo), sintomas psicóticos depressivos, adictivos ou psicopatológicos; 2) o amor de si pelo Eu, com investimento libidinal na autoconservação e na proteção do corpo. De qualquer forma, ainda que o sujeito encontre formas de manter-se em equilíbrio estável, “o inconsciente amencial não permanece mudo, longe disso. O tributo pago à compulsão de morte é, em certas situações, uma clivagem imperfeita que se traduz pela angústia” (p. 153 e 154).

O encaminhamento de toda essa discussão, na qual Dejours lança luzes sobre a parte do inconsciente e do sexual que levam o Eu ao “desapossamento de si” e à “perda de domínio” (p. 149) - e nesse sentido destronam e escravizam o Eu -, será importante para que o autor reforce o quanto a teoria de sujeito da psicanálise dá complexidade à análise da relação do homem com o trabalho, ao mesmo tempo mostrando o quanto são ingênuas as concepções instrumentais do *homo economicus* que regem teorias de motivação e outras da psicologia organizacional. Esse conjunto de reflexões também será importante para que o autor lance luzes sobre outro tema que lhe é caro: o da violência.

Gestos de violência, pensamentos de empréstimo, banalização do mal.

Dejours não se furta a ressaltar que, “na sexualidade humana reside um processo gerador de violência e de destruição que não é outro do que o processo de desagregação” (p. 147 e 148). Deslocando esse conceito para os grupos sociais, ele fala de uma “via

social” da pulsão de morte, “um conluio que se estabelece entre o gozo do exercício de um poder destruidor sobre o outro no trabalho ou na sociedade, de um lado. E o pensamento de empréstimo (estereótipos, modo, ideologia), de outro” (p. 155).

O conceito de pensamento de empréstimo articula-se com a ideia de subversão libidinal. Para Dejours, onde o corpo é impotente por conta dos impasses encontrados na subversão libidinal, o sujeito nada experimenta. A subjetividade se subtrai e deixa em seu lugar a paralisia e a frieza vazia de afetividade, de pulsões e da própria vida. Nesses locais onde se vivencia a experiência do vazio, inexistente pensamento, mas angústia sem representação. Para preencher o vazio, o sujeito apropria-se do pensamento alheio, via de regra pobre ou estereotipado, prolixo ou estritamente tecnológico e operacional. A ideologia individualista e de exclusão do liberalismo seria, aos olhos de Dejours, um pensamento de empréstimo que encobriria condutas pautadas na destrutividade amencial voltada contra o outro (p. 126, 127 e 155). Trata-se de uma elaboração interessante para compreender fenômenos como a adesão a movimentos sociais pautados na crueldade ou mesmo como mais um elemento para pensar a banalização do mal. Dejours cita frases típicas desse pensamento de empréstimo: “É assim mesmo; não dá para fazer de outra maneira; são ordens; não tenho escolha; é o sistema; temos de ser realistas” (p. 203).

Nas últimas páginas de “Trabalho e Sexualidade”, interessa a Dejours retomar a discussão de capítulos anteriores para reforçar que os acidentes no processo de subversão libidinal marcam o segundo corpo (o corpo erótico) “com verdadeiras mutilações” (p. 201), provocando uma clivagem que atravessa o aparelho psíquico

e instala uma perigosa dualidade. Esse é um ponto chave da adoção de uma teoria de sujeito baseada no sujeito do inconsciente, naquilo que ela implica (a imagem do homem que não manda na própria casa, o sujeito descentrado e influenciado por forças que ignora e que levam-no a adotar comportamentos contraditórios). Dejours vale-se dessa dualidade para lembrar: “O ser humano é duplo. Em nome do trabalho, da produtividade e da rentabilidade ele pode ser levado a imprimir a sua contribuição para atos que moralmente reprova. E não entra sempre em crise, não obstante as contradições patentes que resultam de sua implicação em atos, atividades ou ações profissionais que parecem bem incompatíveis com engajamentos intelectuais e de ordem moral assumidas na esfera privada” (p. 202).

Como compreender essa clivagem para evitar que ela seja obstáculo para uma proposta de mudança? Para explicá-la, Dejours lançará mão de um conceito de Spinoza, “akrasia”, que nomeia a fraqueza de vontade que faz o sujeito comportar-se de forma oposta ao que lhe orienta a razão. Dejours identifica esse traço como algo constante e que pode atravessar toda a vida profissional, simplesmente “pela comodidade, por ser mais fácil e mais vantajoso do que de entrar em um movimento de resistência” (p. 202). Aqui faz menção à teoria do “Eu-esforço”, que compreende todo processo de desenvolvimento através de uma luta constante: contra as influências do mundo, contra a inércia muscular, contra a própria paralisia confortável implicada em ceder ao movimento de uma multidão. Paga-se um preço por viver alienado, pensa Dejours, mas ganha-se benefícios secundários quando não se resiste a algo difícil de mudar. Na tomada de decisão sobre o

partido a tomar estaria o preço da autonomia.

O preço da autonomia.

A forma como Dejours encerra o Tomo I de “Trabalho Vivo” é desafiadora. Ele se questiona sobre o porquê da acomodação humana com suas próprias fraquezas. A resposta que encontra é dura: é confortável conviver com a preguiça intelectual e a covardia ordinária, pois essa fórmula “permite, de forma econômica, manter a clivagem, permite viver simultaneamente segundo uma regra moral e ser oportunista. E assim de permanecer em ‘boa saúde’” (p. 203). Segundo o autor, o oposto disso implica em pagar o preço de conviver com o conflito interior e com a angústia que exige um comportamento coerente com os próprios princípios. Por isso, “a autonomia custa tão caro, leva a correr riscos em relação ao equilíbrio psíquico. É mais cômodo, vis-à-vis a saúde mental, deixar-se escorregar para a posição perversa do que manter-se firme quanto às suas exigências éticas” (p. 203).

Por conta disso, o grande ato de coragem não estaria concentrado na capacidade de lutar contra riscos externos, mas sim contra a acomodação com a própria *akrasia*. No âmbito do trabalho, a luta contra a preguiça do pensamento e da covardia ordinária estaria presente “na capacidade de sustentar uma posição pessoal, diferente das demais, ou mesmo em oposição a estas, no espaço de deliberação onde são produzidas e inventadas as regras de trabalho e as regras de ofício” (p. 204). Estar atento para a própria contribuição numa discussão coletiva, evitando deixar-se levar pela preguiça ou pelo próprio conforto seria, de imediato, o primeiro exercício para

a retomada de um espaço de deliberações maduro e com possibilidades de avanços.

Trazendo a discussão para esses espaços de deliberação onde relaciona-se as pessoas, Dejours faz ponte para a discussão do Tomo II, onde irá explorar em detalhes o viver-junto que também representa o trabalho. Promete explorar, ali, a questão da cooperação e no tanto que esta “pode contribuir para cultivar o que há de mais admirável no ser humano” (p. 205).

“Sexualidade e Trabalho” é, em resumo, uma obra densa e repleta das discussões que Dejours desenvolve em livros e artigos. Como dizem Laerte Sznelwar, Seiji Uchida e Selma Lancman, da USP, autores do prefácio da edição brasileira, “é um livro a ser lido e relido para quem quiser, de fato, se apropriar do que Dejours nos propõe como conteúdo. Ler não seria apenas ler, mas sim uma ação para incorporar ideias que, com certeza, terão ressonância com muitas de nossas preocupações, enfim uma corpropriação do texto, parafraseando Dejours que nos remete a este conceito proposto por Michel Henry” (p. 18).

Referências

- Cardoso, M. R. Entrevista. *Ágora*, 4 (2), jul/dez 2001 89-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n2/v4n2a07.pdf> . Último acesso em 10/09/2016.
- Dejours, C. *O Fator Humano*. Rio de Janeiro: FGV, 1997

Dejours, C. *Trabalho Vivo - Tomo I: Sexualidade e Trabalho*. Tradução de Frank Soudant. Brasília: Paralelo 15, 2012.